

A Ética das Virtudes: um caminho para o século XXI

POR **RENÉ ARMAND DENTZ**

“Uma ética para empresários, diretores, em resumo, não consiste em um conjunto de regras para saber quando uma decisão é contrária à ética ou quando não é. Consiste, essencialmente, em um conjunto de conhecimentos que ajudem os dirigentes a descobrir as oportunidades que lhes brinda sua profissão para que cheguem a ser melhores pessoas, isto é, para que desenvolvam suas virtudes morais”

JUAN A. PÉREZ LOPEZ

Toda e qualquer filosofia moral legítima tem de lidar com as contingências e a finitude da vida humana, cristalizadas nos mais diferentes momentos históricos como dificuldades e obstáculos novos – produzidos tanto pelo mundo como pelos próprios homens em sua contínua atividade criadora e transformadora do mundo e de si mesmos –, que tornam a compreensão, formulação e realização (ou não realização) dos deveres e fins morais uma tarefa permanente e sujeita a transformações.

A filosofia moral mobiliza suas ferramentas analíticas e conceituais na esfera do que será realizado, criado ou cumprido, que não está no âmbito do que existe, nem do que muda ou permanece o mesmo por força de leis rígidas e necessárias. Daí o seu caráter peculiar, desafiador para a razão humana, por estar lidando com aquilo que pode vir a ser, que se cristaliza em determinados momentos históricos. Mas que também pode mudar e ser reformulado, ou nem se realizar, devido às contingências e

à dinâmica dos contextos, pois pressupõe escolhas dos agentes implicados. Como diz Lima Vaz (1996), “o mundo ético não é uma dádiva da natureza. É uma dura conquista da civilização. Como também tem sido uma conquista longa e difícil o estabelecimento e urgência do Estado democrático. Trata-se de conquistas permanentes, sempre recomeçadas e sempre ameaçadas pela queda no amoralismo, no despotismo e na anomia”.

Nossa época é marcada pelo aprofundamento da percepção do caráter casual, finito, dessa esfera expressiva do humano, na qual está em jogo a imagem que ele faz de si mesmo. Desde os primórdios da filosofia, a pergunta foi sobre sua racionalidade. Essa característica da moralidade como esfera do “dever ser”, daquilo que precisa ainda ser realizado, cumprido e efetivado – lugar de liberdade e de escolha que não pode ser reduzida à simples técnica –, tem como um de seus problemas centrais a natureza das normas que guiarão a

TEMOS DE DECIDIR HOJE QUESTÕES QUE GERAÇÕES ANTERIORES NUNCA ENFRENTARAM

liberdade no interior das contingências do mundo, ou seja, a natureza de sua racionalidade (ou não-racionalidade).

Desde Platão, no enfrentamento com os Sofistas, busca-se encontrar o ponto de sustentação dos preceitos morais que determina sua racionalidade: a moralidade é mero costume e convenção ou se sustenta na própria natureza do homem, como ser racional, na essência atemporal da ação humana? E se não há essa essência, onde está o ponto de referência estável que alavanca e dá sentido à ação moral propriamente dita? Que força coesiva está na base do projeto moral de uma sociedade ou comunidade que mantém seus integrantes juntos e lhes dá direção? Assim, uma das questões centrais para o filósofo moral é a discussão sobre o caráter da racionalidade ética.

ÉTICA E GLOBALIZAÇÃO Um processo de globalização que não acontece pacificamente, mas sob tensão, faz emergir conflitos sociais sérios e de difícil resolução, aflorando tanto as diferenças quanto as semelhanças, a ponto de alguns sociólogos defenderem a tese de uma luta ou choque das civilizações. A consciência ecológica de que somos um planeta com seres, espécies, países, culturas e indivíduos interligados, no qual os destinos biológicos e econômicos necessariamente se cruzam, ao mesmo tempo em que somos diversos, torna a discussão sobre a racionalidade da ética ainda mais espinhosa e urgente. Como descreve R. S. Smith (2003), vivemos um tempo caracterizado pela confusão moral.

As pessoas buscam orientação e guia moral, muitas vezes de forma fervorosa, nos mais diversos níveis e esferas da vida social. Parte dessa demanda urgente pela reflexão moral deve-se ao fato de que temos de decidir hoje questões que gerações anteriores nunca enfrentaram, como por exemplo, as questões éticas que surgiram com o desenvolvi-

mento científico no campo da biotecnologia. Devemos permitir a clonagem humana? A pesquisa em tecidos embrionários pode ser realizada livremente? Podemos manipular livremente a pesquisa genética de materiais humanos? Essas questões inesperadas, trazidas pela ciência, são fontes geradoras de perplexidade moral.

SAÍDA APONTADA PELA FILOSOFIA O *Zeitgeist* (espírito do tempo) de nossa época certamente carrega a marca da ética, como expressa a centralidade da filosofia moral nas discussões dos centros culturais ocidentais. Um dos principais animadores desse debate filosófico no mundo anglo-saxão contemporâneo é Alasdair MacIntyre. Ele representa, no plano da teoria moral e política, a renovação de uma das linhagens mais antigas e poderosas da reflexão filosófica ocidental: a tradição aristotélica. Sua defesa da retomada da ética aristotélica das virtudes como saída para os problemas que assolam a linguagem e a prática moral do nosso século, associada ao reposicionamento da tradição como *locus* da pesquisa racional, estruturada considerando-se conquistas e exigências filosóficas atuais, abriu um amplo debate em torno de sua obra provocativa. E reposicionou na agenda filosófica alguns temas éticos importantes, descartados pelos excessos da reflexão contemporânea.

A proposta de MacIntyre é articular e justificar uma teoria ética vinculada à tradição, com uma concepção sobre a racionalidade prática também vinculada à tradição. Mas considerando que essa racionalidade não seja relativa, isto é, que a priori não seja imensurável, com concepções de racionalidade alternativas de outras tradições. Em outras palavras, uma racionalidade que encontra seu sentido e funcionalidade no interior de uma tradição particular, mas que também é capaz de enfrentar as posições de suas rivais e se abrir a elas. Não se engessa nos seus próprios termos, nem paralisa o debate gerado pelo seu encontro com alternativas rivais, como necessário para a afirmação de seu próprio progresso e crescimento – um encontro que pode resultar em sua própria destruição.

Essa racionalidade, embora visceralmente vinculada a uma tradição, não se dissocia de nenhuma forma dela, possibilitando que essa tradição se aproprie de recursos teóricos não ori-

ginalmente seus, e inicialmente alheios ao seu esquema conceitual, para com isso enfrentar melhor os problemas que atravessam sua trajetória histórica. Em MacIntyre, temos uma concepção de pesquisa na qual a justificação racional é essencialmente histórica, pois é forjada no interior de uma tradição social e intelectual particular como narrativa sobre a maneira pela qual os primeiros princípios das teorias, constituídos pela tradição e constitutivos dela, foram estruturados e construídos e chegaram a ser o que são hoje.

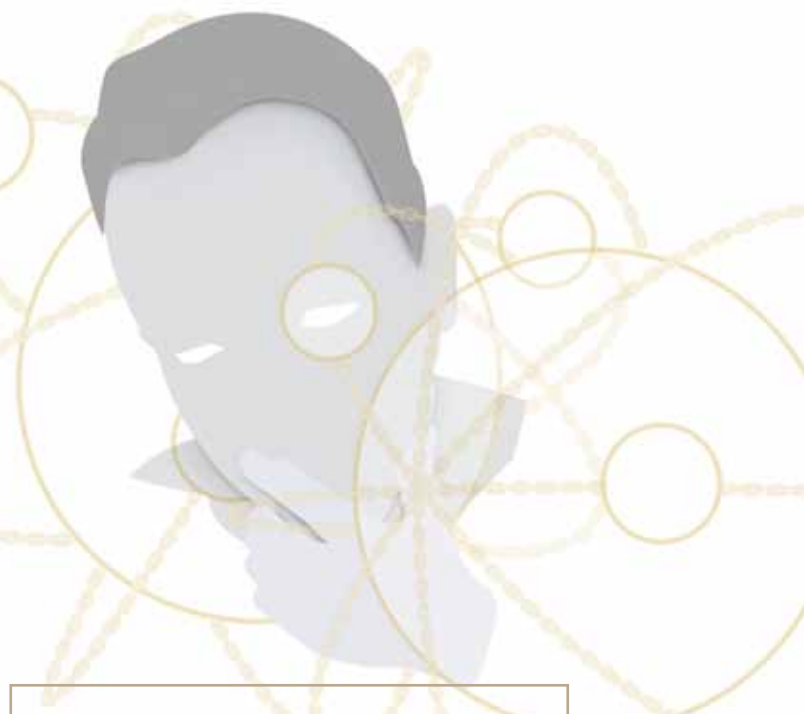
NOVA FILOSOFIA MORAL Virtude é um conceito ético central no processo de concretização da racionalidade prática por ter presente a finitude humana. E uma moralidade das virtudes não deve ser colocada em oposição à moralidade do direito e das normas, pois virtudes e leis são esferas complementares na vida social e no mundo ético. A tensão entre moralidade e ética, já advertida por Hegel, deve ser reduzida por uma perspectiva de mediação que consiga fazer a síntese entre o universo das virtudes e o das normas. O eixo de teorização da moralidade a partir das virtudes é mais rico em perspectivas do que a abordagem a partir do direito e das normas, pois eles não são válidos por si mesmos – dependem de uma validação ética prévia no corpo da vida social em que se inserem. Ou seja, as teorias que dão primazia ao correto, ao direito, repousam, em última instância, numa ideia do bem, da boa vida, do *telos* humano, a partir da qual as virtudes se configuram e mostram-se necessárias.

Assim, estamos diante de uma filosofia moral que não foge às questões fundamentais do seu tempo, mas sem esquecer o passado, tirando todo o proveito da distância temporal como oportunidade crítica. No cenário filosófico contemporâneo, MacIntyre busca a abertura ao outro como condição de esclarecimento de si mesmo. Diante das diversas correntes teóricas que se colocam no seu horizonte histórico, ele tem buscado tirar o máximo proveito do debate e aprendido as lições. Uma dessas lições é a de que a filosofia nunca pode deixar de relacionar-se com os outros ramos do saber humano, como a sociologia, a antropologia, a história, as ciências naturais e as biológicas. A filosofia moral deve lançar mão de todas as interpretações possíveis do agir humano para enfrentar

as questões fundamentais com maior propriedade, levando em conta a peculiaridade do ser humano em suas mais diversas faces.

As razões para afirmação de uma ética das virtudes empresariais estão inseridas na cultura pós-capitalista e pós-industrial. Na sociedade em que vivemos, os valores necessitam de atenção. Não podemos mais ignorar o aspecto holístico do pensamento humano e não estamos imunes às nossas ações predadoras do meio ambiente. O mundo deve ser visto como uma teia, já que está todo interligado. Neste século, ser ético no mundo empresarial não é algo inútil ou que atrapalhe os lucros. A empresa está inserida num todo, e suas ações são sempre acompanhadas por reações.

RENÉ ARMAND DENTZ é professor universitário, psicanalista, doutor em Filosofia pela PUC/SP.



PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

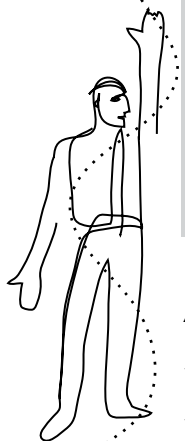
_____. *A short History of Ethics*. New York: MacMillan Publishers Company, 1966.

_____. *After Virtue. A Study in Moral Theory*. London: Duckworth, 1981.



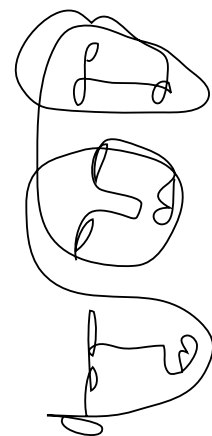
Contratações externas e problemas inesperados

Muitas empresas querem contratar profissionais experientes e preparados que possam contribuir rapidamente para a melhoria da produtividade. Mas, muitas vezes, esses trabalhadores trazem uma bagagem acumulada no emprego anterior que pode neutralizar as vantagens de sua experiência prévia. É o que revela uma pesquisa da Wharton University, concluindo que existe forte relação entre a experiência, o conhecimento e as habilidades anteriores no trabalho. Na verdade, a experiência anterior nem sempre é sinônimo de maior produtividade. Os gerentes de recursos humanos costumam dar preferência à contratação de pessoas que tenham trabalhado numa empresa de segmento semelhante ao da companhia contratante, tomando por base as habilidades do profissional. Isso faz sentido do ponto de vista do capital humano, mas essas pessoas podem estar trazendo da empresa antiga, outras experiências positivas ou negativas. De acordo com o estudo, “hábitos, rotinas e procedimentos que contribuem para o desempenho em um determinado contexto organizacional podem prejudicar o desempenho num contexto organizacional distinto. Em outras palavras, a relação entre a experiência correlata anterior e o desempenho pode não ser totalmente positiva”. Normas e valores adquiridos pelos empregados em uma determinada cultura não são facilmente postos de lado no novo ambiente de trabalho.



Ainda existe lugar para líderes, porém as lideranças serão baseadas no poder através das pessoas e não sobre as outras pessoas.

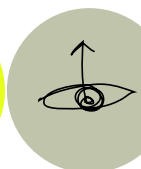
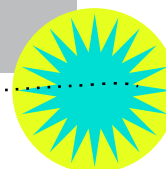
DON TAPSCOTT



Tendências para 2009

A agência de publicidade Leo Burnett lançou um vídeo nos Estados Unidos, voltado para profissionais de planejamento e anunciantes, com nove previsões para o ano de 2009. São elas: **Novo realismo:** a crise econômica vai afetar o desenvolvimento do contexto cultural; a era especulativa e emotiva dará lugar a uma fase mais calcada no social e na criatividade; **Hiper-realidade:** o ritmo das mudanças acelera o mundo, com novos desenvolvimentos ocorrendo na velocidade da luz e mudanças no *status quo* sendo reveladas em tempo real; **Economia da confiança:** a confiança se tornará fator crítico para o sucesso das marcas; em tempos difíceis, buscamos companhias que compartilhem nossas preocupações, gerenciem a ansiedade e assumam a liderança; **Austeridade ecológica:** o futuro do planeta nos reserva uma nova conjuntura, com a austeridade transformando a questão ambiental em econômica; produtos que

gastam menos energia e custam mais barato simplesmente não poderão ser atacados; **TV Digital:** 2009 marcará um salto na qualidade de transmissão da televisão pela internet, tornando-a mais popular; **Ligações de marketing:** o conteúdo estará livre de um controle central e será negociável por meio de diversas redes; idéias, logotipos de marcas ou códigos farão o link entre conteúdos; **Geração games:** com o ato de jogar *games* se tornando uma ocupação de massa, e o ambiente econômico pressionando para diversão no lar, em breve seremos parte dessa geração; **O fim da verdade absoluta:** deverá haver mais opinião contraditória e muitas soluções sendo apresentadas como definitivas; no futuro iremos considerar mais o que é um fato; **Marcas como veículos:** os dias da marca estática estão acabando, pois cada vez mais elas serão significados e não fins.



Desafios da Responsabilidade Social

Quais as perspectivas para a Responsabilidade Social Corporativa neste momento de crise econômica? O espanhol Joaquín Garralda, professor do Instituto de Empresas (IE) e autor do livro “Rumo a uma empresa razoável”, considera que ela ficará mais forte. Segundo ele, enquanto os pessimistas dizem que a RSC pode desaparecer, porque a consideram um gesto arbitrário e sem efeito sobre os resultados, os otimistas acham que a sociedade já está convencida de que as empresas devem ser administradas com base nesse paradigma, se não quiserem desaparecer. O professor Garralda afirma que, de modo geral, a parte do orçamento destinada ao patrocínio e ao mecenato será bastante reduzida. “Mas, as empresas que tinham decidido integrar a Responsabilidade Social a suas práticas diárias não recuarão. Talvez elas façam um ajuste fino, mas não se esquecerão dos efeitos positivos obtidos em várias situações”, explica. No entanto, para as organizações que antes da crise não tinham iniciado o processo, ou consideravam a RSC apenas uma ação social altruísta, não faltarão argumentos em meio à crise para postergar a decisão.

Oportunidade de “inovação disruptiva”

A crise provocou o declínio do domínio americano nos setores de fabricação, energia e até mesmo no setor financeiro. Uma coisa, porém, continuou de pé – a boa e velha engenhosidade americana – embora até isso pareça estar em perigo. O fator imprevisível diz respeito ao futuro da inovação. É opinião corrente que as empresas, governo e mundo acadêmico vão estar menos dispostos a correr riscos e a trabalhar com os custos de curto prazo que cercam esse território. O diretor de pesquisas do Centro de Inovação Tecnológica Mack, Paul Schoemaker, considera que, no caso de algumas empresas, a crise econômica pode até servir de plataforma para a inovação. “A crise tem impactos variados; os prejuízos com receita e lucros vão instilar, num primeiro momento, uma mentalidade de corte de custos, o que não é bom para a inovação. Em seguida, começa uma fase em que os líderes procuram saber que partes do seu modelo de negócios não vão bem (e, talvez, sejam até mesmo insustentáveis). Daí poderá decorrer a reestruturação e a reinvenção”, explica. Mas ele adverte contra o excesso de precaução e dependência da inovação incremental, em detrimento de uma inovação transformadora ou “disruptiva”. Afinal, os maiores ganhos provêm das inovações mais ousadas, que desafiam os paradigmas e a própria empresa.

Executivo brasileiro está otimista

Pesquisa realizada pelo grupo BPI, multinacional francesa especializada em reestruturação de empresas, revela que os executivos brasileiros estão mais otimistas com os efeitos da crise financeira, do que seus pares de outros países. Eles acreditam que a crise será mais curta, menos profunda e não afetará seu futuro profissional nem o de sua empresa. O estudo ouviu 7.590 executivos de 14 países, 600 deles no Brasil. No resto do mundo, 68% dos entrevistados acham que as consequências da crise serão muito sérias para as empresas, interferindo no ambiente de trabalho (motivação de equipes, clima organizacional e nível de stress). Indagados sobre quanto tempo deve durar a crise, 41% dos brasileiros apostaram num prazo inferior a um ano, índice bem acima da média geral dos países consultados (18%). Para outros 44%, a crise pode durar no máximo dois anos e, para 14%, além de dois anos. Ainda existe a percepção de que o Brasil está mais bem preparado do que o resto do mundo, pois sua estrutura financeira não foi tão afetada. Sobre o futuro profissional, perto de 80% dos executivos de todos os países pesquisados ainda estão otimistas. Mas os profissionais brasileiros vão além – 95% deles acreditam no seu desempenho futuro, independente da crise.